



# ESG (Environmental, Social, and Governance) e desenvolvimento sustentável: governança corporativa e impactos sociais no Brasil

Matheus Martini<sup>1</sup>

Dusan Schreiber<sup>2</sup>

Recebido em: 28-11-2024

Aceito em: 15-02-2025

## Resumo

O presente artigo investiga a relevância das práticas de ESG (Environmental, Social, and Governance) no Brasil, com ênfase nos impactos sociais e na governança corporativa como pilares para o desenvolvimento sustentável. A pesquisa explora como a adoção dessas práticas pode transformar a gestão empresarial e gerar benefícios sociais amplamente disseminados. O objetivo geral é analisar a aplicação do ESG no Brasil, enquanto os objetivos específicos buscam identificar os desafios e as oportunidades que o contexto nacional oferece. O estudo foi desenvolvido como um ensaio teórico reflexivo, fundamentado em uma revisão teórica crítica, comparando conceitos e definições com casos empíricos apresentados em relatórios da B3 e ANBIMA. Os resultados mostram que as empresas que implementam práticas ESG obtêm maior eficiência operacional e geram um impacto positivo nos indicadores sociais, destacando o papel crucial da governança responsável na estratégia empresarial. Além disso, o artigo destaca as barreiras enfrentadas pelas empresas brasileiras, como a falta de uma estrutura regulatória clara e a dificuldade de medir e reportar impactos sociais e ambientais. No entanto, as oportunidades, como a crescente demanda por produtos e serviços sustentáveis, são significativas. O estudo conclui que a integração das dimensões ambiental, social e de governança nas operações empresariais contribui não apenas para a sustentabilidade a longo prazo, mas também para o fortalecimento da competitividade das empresas, tanto no mercado nacional quanto internacional.

**Palavras-chave:** ESG. Governança. Desenvolvimento sustentável. Impacto social.

## ***ESG (Environmental, Social, and Governance) and sustainable development: corporate governance and social impacts in Brazil***

### Abstract

*This article explores the relevance of ESG (Environmental, Social, and Governance) practices in the Brazilian context, with a focus on social impacts and corporate governance as pillars for sustainable development. The research problem centers on how the adoption of these practices can transform business management and generate widely disseminated social benefits. The general objective is to analyze the implementation of ESG practices in Brazil, while the specific objectives are to identify the challenges and opportunities presented by the national scenario. The work is structured as a reflective theoretical essay, based on a critical theoretical review, comparing concepts and definitions with empirical cases highlighted through reports from B3 and ANBIMA. The results indicate that companies adopting ESG practices achieve greater operational efficiency and positive impacts on social indicators, highlighting the importance of responsible governance.*

**Keywords:** ESG. Governance. Sustainable development. Social impact.

## 1 Introdução

O conceito de ESG (*Environmental, Social, and Governance*), tendo a sua tradução, Meio Ambiente, Social e Governança, ganhou relevância nos últimos 10 anos como um pilar essencial na transformação de práticas empresariais em prol do desenvolvimento sustentável. O ESG tem

<sup>1</sup> Doutorado em Qualidade Ambiental (Universidade Feevale). Coordenador de Pós-Graduação (Especialização) em Light Steel Frame na Unyleya. E-mail: [matheusmartini13@gmail.com](mailto:matheusmartini13@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Administração (UFRGS). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Administração e em Qualidade Ambiental, da Universidade Feevale. E-mail: [dusan@feevale.br](mailto:dusan@feevale.br) <https://orcid.org/0000-0003-4258-4780>

se consolidado como uma abordagem que vai além da busca por resultados financeiros, promovendo também o compromisso das empresas com questões ambientais, sociais e de governança corporativa (Cruz, 2021, p. 150). Essa abordagem é intrínseca no Brasil, onde o impacto das práticas empresariais no meio ambiente e na sociedade é profundo, e o cenário de desigualdades sociais e degradação ambiental impõe desafios complexos a serem enfrentados.

A evolução do conceito de ESG está fortemente ligada a movimentos globais que visam diminuir os efeitos das mudanças climáticas e combater as desigualdades socioeconômicas. Conforme Freire (2021, p. 2), o pilar social do ESG reflete diretamente as responsabilidades das empresas com seus stakeholders, promovendo a equidade, direitos humanos e boas condições de trabalho em suas operações e cadeias de valor. No contexto brasileiro, a inclusão social e a diversidade de equipes são pontos críticos de atenção, com crescentes discussões sobre a representatividade e os impactos sociais positivos gerados por empresas que adotam práticas inclusivas (Freire, 2021, p. 6).

A adoção de práticas ESG, além de garantir a sustentabilidade ambiental e equidade social, também se mostra como uma estratégia economicamente viável para as empresas. De acordo com um estudo realizado pela Amcham e Humanizadas (2024, p. 47), cerca de 47% das empresas brasileiras já implementaram práticas ESG, com impactos diretos na reputação da marca e na redução de riscos operacionais (Humanizadas, 2024, p. 47). No entanto, há barreiras importantes a serem superadas, como a falta de uma cultura organizacional voltada para a sustentabilidade e a dificuldade de mensuração de indicadores relacionados ao ESG (Humanizadas, 2024, p. 48).

O problema de pesquisa deste estudo reside na análise de como a adoção dessas práticas pode transformar o modelo de governança das empresas brasileiras, promovendo um desenvolvimento econômico alinhado às demandas sociais e ambientais. Diante disso, este artigo tem como objetivo geral analisar a implementação do ESG no Brasil e seus impactos nos indicadores sociais e ambientais. Especificamente, busca-se investigar os desafios enfrentados pelas empresas na incorporação dessas práticas e as oportunidades que surgem com essa mudança de paradigma.

O trabalho foi elaborado no formato de ensaio teórico reflexivo (MONTAIGNE, 2002), baseado na revisão teórica crítica (MANCINI; SAMPAIO, 2006), comparando os conceitos e definições, extraídos de artigos científicos seminais sobre o tema abordado, em *Journal Sustainability*, da editora MDPI, com os casos empíricos evidenciados por meio dos relatórios da B3 e ANBIMA. Optou-se pelo periódico Sustainability de forma deliberada, por ter acesso aberto

e ser referência em publicações de artigos científicos internacionais em tema sustentabilidade e subtemas vinculados, como o ESG.

Com a crescente importância do ESG, a estrutura deste artigo está organizada da seguinte forma: em primeiro momento, é abordada a fundamentação teórica sobre os pilares do ESG e suas dimensões no contexto brasileiro. Em seguida, é apresentada uma análise de estudos de caso que evidenciam os benefícios da adoção dessas práticas no Brasil, promovendo uma discussão sobre os desafios enfrentados pelas empresas para implementar essa agenda. E, por fim, o artigo conclui com reflexões sobre o papel do ESG na promoção do desenvolvimento sustentável no Brasil.

## **2 Fundamentação teórica**

A fundamentação teórica tem o propósito de demonstrar o estado da arte da literatura científica do tema ESG, sob diferentes perspectivas, de autores de publicações de destaque, facultando análise comparativa dos casos empíricos evidenciados dos portais da B3 e ANBIMA, que são duas entidades que consolidam os dados acerca de operação de empresas brasileiras no mercado aberto.

### **2.1 Dimensão Ambiental no ESG**

A dimensão ambiental do ESG trata das práticas e políticas adotadas pelas empresas para minimizar seus impactos negativos no meio ambiente (CLÉMENT et al., 2022). Entre essas práticas, destacam-se a gestão eficiente dos recursos naturais, a redução de emissões de gases de efeito estufa e a adoção de modelos de economia circular (CHOPRA et al., 2024). No Brasil, o contexto ambiental apresenta desafios peculiares, como o desmatamento da Amazônia e a poluição urbana, exigindo que as empresas desenvolvam estratégias sólidas para mitigar seus impactos. Segundo Freire (2021, p. 2), essas estratégias são fundamentais para que as corporações brasileiras se alinhem às exigências globais de sustentabilidade e preservação ambiental.

Segundo Cruz (2021), sustentabilidade ambiental é atualmente uma das principais preocupações de empresas, e é especialmente relevante no Brasil, onde as políticas ambientais desempenham um papel essencial para garantir a preservação dos recursos naturais e atender às demandas globais (CRUZ, 2021, p. 32). O papel das energias renováveis, como a biomassa, tem

se tornado cada vez mais proeminente no Brasil, visto que o país, apesar de ser um dos maiores produtores de biomassa, utiliza apenas uma pequena parte desse material para a produção de energia. Dessa forma, se percebe um potencial inexplorado desta que é uma das metas ESG (SUN et al., 2024).

A dimensão ambiental do ESG não se limita a ações pontuais, mas exige uma abordagem integrada que englobe toda a cadeia de valor das empresas. Isso inclui desde a escolha de fornecedores com práticas sustentáveis até a implementação de sistemas de logística reversa para reduzir o impacto de resíduos no meio ambiente. No Brasil, onde a biodiversidade é um dos principais ativos naturais, as empresas têm a oportunidade de se destacar ao adotar iniciativas que preservem os ecossistemas e promovam o uso racional dos recursos naturais. Práticas como reflorestamento e recuperação de áreas degradadas vêm ganhando força, especialmente em setores como papel e celulose, mineração e agronegócio, que possuem impactos diretos no meio ambiente.

Além disso, a adoção de tecnologias limpas e a transição para energias renováveis têm se mostrado estratégias eficazes para empresas brasileiras que buscam alinhar suas operações às metas de sustentabilidade. Setores como o de energia e transporte estão liderando esse movimento, com iniciativas como a instalação de parques solares e eólicos e a eletrificação de frotas. Essas práticas não apenas reduzem a pegada de carbono, mas também geram ganhos econômicos a longo prazo, como a redução de custos operacionais. Empresas como a CPFL Renováveis e a Raízen têm liderado o setor de energias limpas no Brasil, mostrando que a sustentabilidade ambiental pode ser altamente rentável.

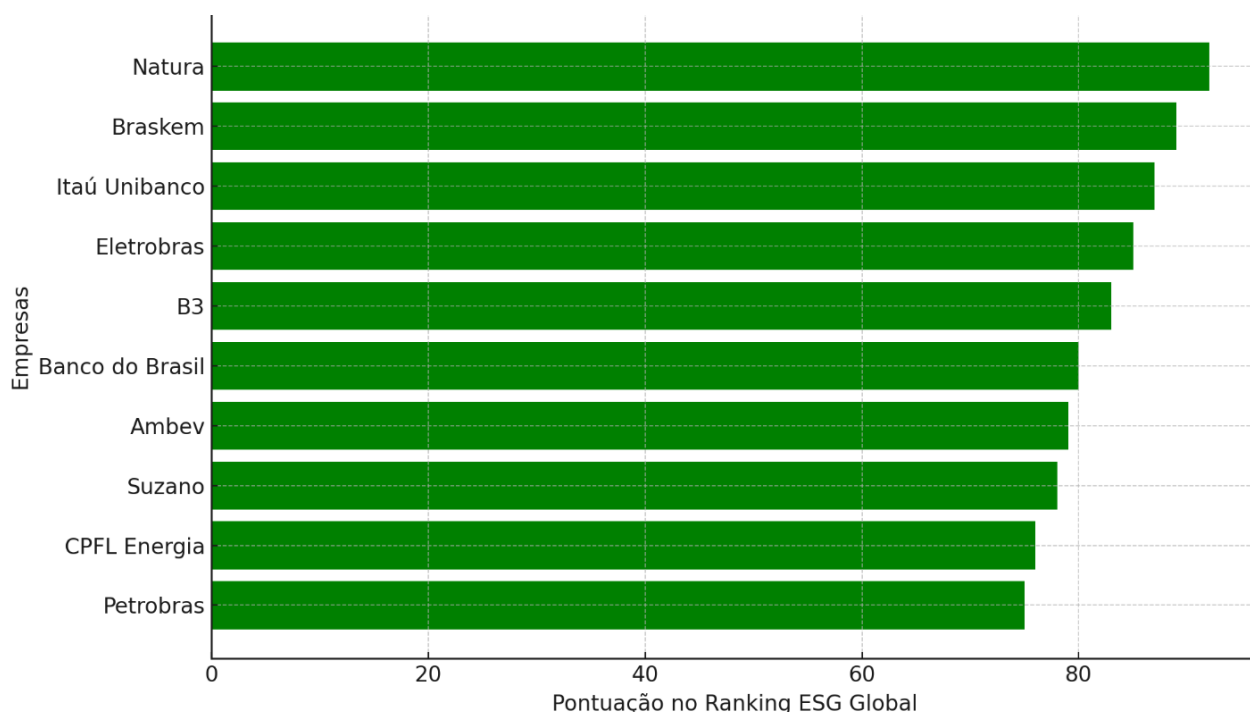
Empresas brasileiras que integram a sustentabilidade ambiental em seus modelos de negócios, como iniciativas de redução do desperdício de água e adoção de fontes de energia renováveis, têm se destacado em rankings ESG globais. Um estudo recente mostrou que o setor de energia elétrica e saneamento apresentou a maior evolução entre 2018 e 2022, com uma melhora de 20,3% na pontuação ESG, destacando-se como líder na implementação de práticas ambientais no Brasil (Humanizadas, 2024, p. 47). De acordo com Silveira (2017, p. 22), as empresas que adotam essas práticas não apenas cumprem suas responsabilidades ambientais, mas também melhoram sua competitividade no mercado global. Outro autor que reforça essa visão é Grossi (2021, p. 47), ao afirmar que a redução de desperdício de água é uma das principais iniciativas que impactam a posição das empresas em rankings de sustentabilidade.

No entanto, para alcançar os resultados desejados, é fundamental que as empresas invistam em inovação e pesquisa voltadas à sustentabilidade. Tecnologias emergentes, como

inteligência artificial e Internet das Coisas (IoT), podem ser aplicadas para monitorar e otimizar o consumo de recursos, detectar ineficiências e prever riscos ambientais. Além disso, a educação ambiental dentro das empresas desempenha um papel crucial, engajando os colaboradores e criando uma cultura organizacional que valorize práticas sustentáveis. Esse alinhamento interno é essencial para garantir que os compromissos ambientais não fiquem restritos à alta gestão, mas sejam incorporados às operações do dia a dia.

O gráfico abaixo apresenta o Top 10 das empresas brasileiras que se destacam por suas práticas ambientais, incluindo Natura, Braskem e Itaú Unibanco, que adotam iniciativas voltadas para a sustentabilidade em seus processos produtivos e operações.

Gráfico 1 – Ranking das empresas brasileiras em sustentabilidade ambiental



Fonte: MARTINI e SCHREIBER (2024)

Essas empresas são líderes em práticas sustentáveis no Brasil, sendo reconhecidas por ações como a utilização de energia renovável, redução de emissões de carbono e otimização no uso de recursos hídricos. A adoção dessas práticas, além de contribuir para a preservação ambiental, também traz benefícios competitivos, como a atração de investidores e a melhoria da imagem institucional, conforme demonstraram diversos estudos internacionais, com destaque para Chong e Loh (2023) e Savio et al. (2023).

### 3 Dimensão Social no ESG

A dimensão social do ESG se destaca como um dos pilares mais desafiadores e estratégicos para as empresas modernas (CRUZ; MATOS, 2023). Além de cumprir normas e legislações, o pilar social exige que as corporações adotem práticas que melhorem o bem-estar de seus colaboradores, promovam a diversidade, a inclusão e garantam o respeito aos direitos humanos (CLÉMENT et al., 2023). Segundo Barbosa (2020), a incorporação de políticas sociais robustas pode transformar não apenas a imagem corporativa, mas também os resultados financeiros das empresas ao aumentar a retenção de talentos e o engajamento de stakeholders (BARBOSA, 2020, p. 18).

Nos últimos anos, as empresas brasileiras têm avançado significativamente na dimensão social. De acordo com Cruz (2021), o Brasil tem visto um aumento nas iniciativas corporativas voltadas para a diversidade e a inclusão, como políticas para aumentar a presença de mulheres em cargos de liderança e programas de inclusão para pessoas com deficiência (CRUZ, 2021, p. 105). Essas práticas além de atenderem às expectativas de consumidores e investidores, também oferecem benefícios, como uma maior inovação e produtividade dentro das organizações.

A dimensão social do ESG também exige que as empresas enfrentem questões estruturais que vão além de suas operações internas. Isso inclui a relação com as comunidades onde atuam, a responsabilidade com as condições de trabalho em suas cadeias de suprimento e o impacto de suas ações no contexto socioeconômico mais amplo. Muitas organizações estão investindo em programas sociais que buscam capacitar populações vulneráveis, criar oportunidades de emprego e oferecer acesso a serviços essenciais, como educação e saúde. Esses esforços têm gerado resultados positivos não apenas para as comunidades beneficiadas, mas também para as próprias empresas, que se tornam mais bem vistas por seus consumidores e stakeholders.

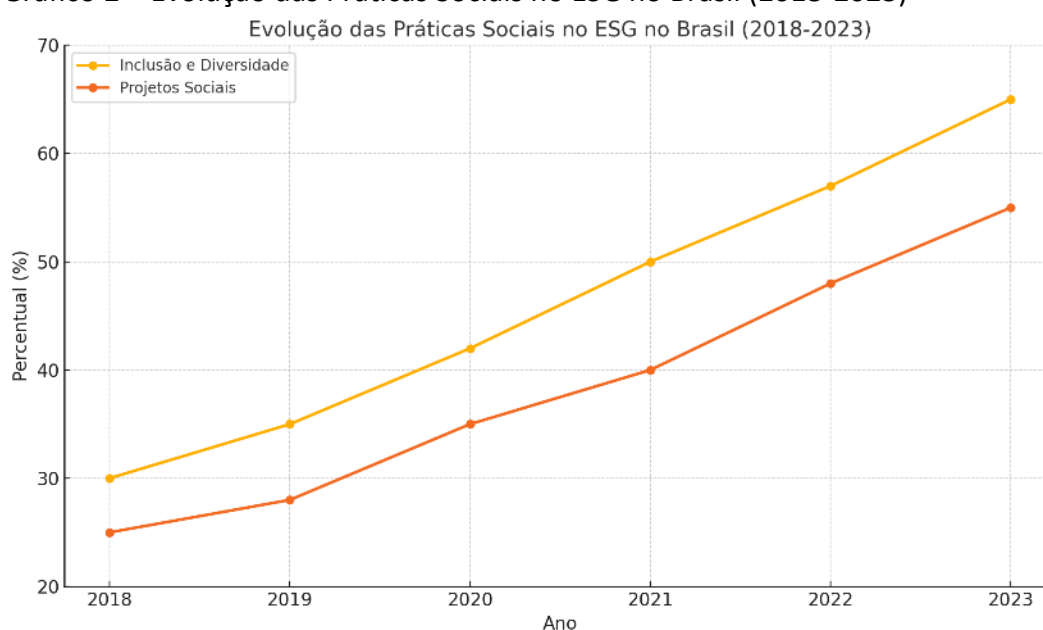
Outro aspecto fundamental é a inclusão de grupos historicamente sub-representados nos ambientes corporativos. A presença de diversidade nas equipes não apenas atende a demandas éticas, mas também potencializa a capacidade de inovação e competitividade das empresas. Estudos mostram que organizações com maior diversidade de gênero e etnia em cargos de liderança têm mais chances de superar concorrentes em termos de desempenho financeiro e operacional. No Brasil, empresas como Natura e Magazine Luiza têm liderado iniciativas pioneiras nessa área, reforçando que a inclusão social é uma prática essencial para quem deseja se destacar em um mercado cada vez mais competitivo e conectado às demandas da sociedade.

A pressão por práticas sociais no âmbito do ESG também está ligada às mudanças globais de comportamento, com consumidores e investidores buscando empresas que tenham responsabilidade social. Um estudo de Humanizadas (2024) revelou que 57% das empresas brasileiras que adotam iniciativas de diversidade e inclusão registraram um aumento no engajamento de funcionários, enquanto 33% observaram uma melhora em sua reputação junto ao público.

A mensuração e a transparência dos resultados sociais são outro ponto desafiador, mas essencial no pilar social do ESG. A publicação de relatórios consistentes e acessíveis sobre o impacto social das empresas permite que consumidores, investidores e órgãos reguladores avaliem o progresso e a seriedade das práticas adotadas. Esse processo é indispensável para construir confiança e consolidar a relevância do ESG como uma estratégia corporativa. Além disso, a adoção de métricas claras e padronizadas permite que as empresas identifiquem áreas de melhoria e potencializem seus esforços para alcançar um impacto social positivo e sustentável.

O gráfico 2 mostra como as empresas brasileiras têm adotado políticas de inclusão e projetos sociais de forma crescente e nos últimos cinco anos. Entre 2018 e 2023, houve um aumento considerável na implementação de práticas de inclusão e diversidade, que saltaram de 30% para 65%. Da mesma forma, o número de empresas com projetos sociais subiu de 25% para 55% nesse período.

Gráfico 2 – Evolução das Práticas Sociais no ESG no Brasil (2018-2023)



Fonte: MARTINI e SCHREIBER (2024)

Outro ponto crucial da dimensão social é a responsabilidade corporativa em relação às comunidades nas quais atuam (CHOPRA et al., 2024). Como observado por Freire (2021), muitas empresas estão investindo em projetos sociais que apoiam comunidades vulneráveis, o que fortalece suas relações com os stakeholders locais e contribui para a redução das desigualdades sociais (FREIRE, 2021, p. 22). Esse tipo de iniciativa não só amplia o impacto positivo das empresas, como também reforça a confiança pública e a legitimidade de suas operações, conforme aponta Silveira (2017).

Em termos de impacto financeiro, os resultados são promissores (CHONG; LOH, 2023). Segundo um levantamento realizado por Simbiose Social (2023), empresas que implementam programas de inclusão e igualdade de gênero tendem a apresentar um desempenho financeiro 20% superior em relação àquelas que negligenciam esses aspectos sociais (Simbiose Social, 2023, p. 34). Isso demonstra que a dimensão social não é apenas uma questão ética, mas também uma oportunidade econômica relevante, que se alinha às demandas de investidores preocupados com práticas sustentáveis e socialmente responsáveis, constatação alinhada com os estudos internacionais (SAVIO et al., 2023).

Como destaca Ribeiro (2019), além de ser um diferencial competitivo, a adoção de práticas sociais eficazes no âmbito do ESG pode prevenir riscos reputacionais e garantir a conformidade com padrões internacionais de direitos humanos, evitando sanções e boicotes (RIBEIRO, 2019, p. 38). Nesse sentido, a implementação dessas práticas é uma estratégia fundamental para garantir a sustentabilidade a longo prazo das empresas (CHONG; LOH, 2023).

### 3.1 Governança Corporativa no ESG

A governança corporativa no contexto do ESG desempenha um papel fundamental na construção de empresas transparentes, éticas e socialmente responsáveis (CLÉMENT et al., 2023). Enquanto as dimensões ambiental e social focam nos impactos externos das operações, a governança, é o pilar que garante que esses impactos sejam geridos de maneira eficiente e sustentável. Para Freire (2021), “a governança corporativa é a espinha dorsal do ESG, assegurando que as práticas ambientais e sociais estejam integradas à estratégia organizacional e sejam supervisionadas por um conselho comprometido” (FREIRE, 2021, p. 22).

Nos últimos anos, a governança tornou-se ainda mais relevante no Brasil, especialmente em razão de desordens corporativas que destacaram a necessidade de maior transparência e ética (SAVIO et al., 2023). Oliveira (2020), reforça que “a boa governança envolve a criação de

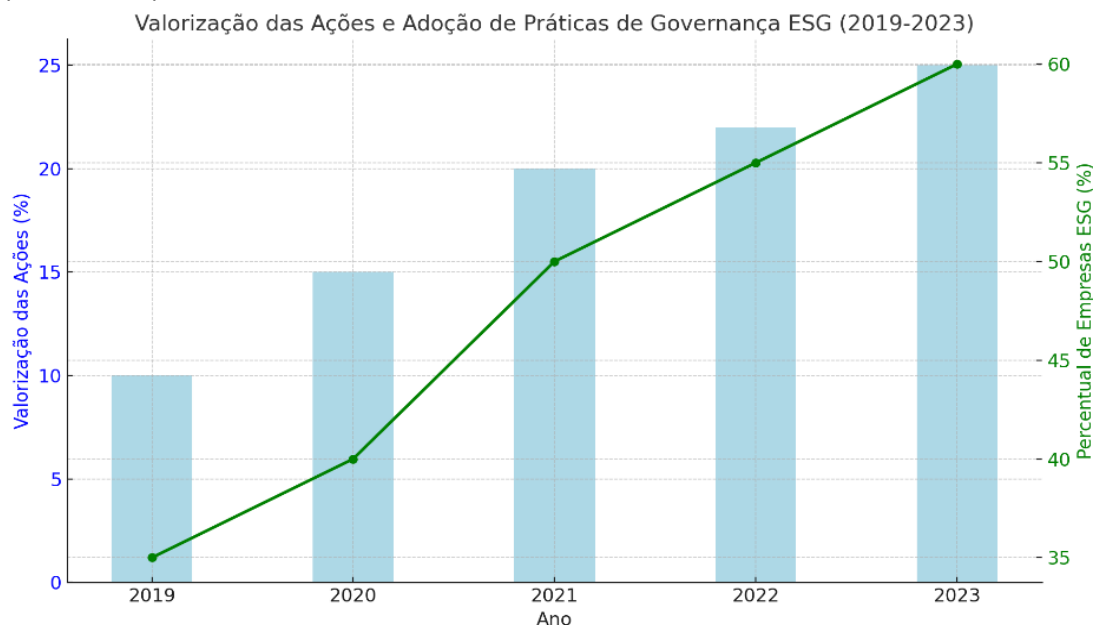


mecanismos robustos de controle interno, a adoção de políticas de compliance e auditorias frequentes, garantindo a conformidade com padrões ESG" (OLIVEIRA, 2020, p. 32). Essas práticas são fundamentais para reduzir riscos e atrair investidores preocupados com a sustentabilidade a longo prazo.

Um estudo da McKinsey (2021), mostrou que empresas com forte governança corporativa têm 25% mais chances de superar as expectativas financeiras de seus investidores, principalmente quando essas práticas estão alinhadas aos princípios ESG (McKinsey, 2021, p. 12). Além disso, as políticas de governança voltadas para a diversidade e a inclusão dentro dos conselhos de administração também são fatores chave. Como aponta Santos (2023), a diversidade é um acelerador para decisões mais estratégicas e inovadoras, especialmente no contexto de questões ambientais e sociais (SANTOS, 2023, p. 35).

Dados obtidos de relatórios da B3, Editora MDPI (*Journal Sustainability*) e ANBIMA evidenciam que as empresas que adotaram governança robusta, com foco em transparência e responsabilidade social, registraram uma valorização significativa de suas ações entre 2019 e 2023. Durante esse período, as empresas listadas no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da B3, composto por companhias comprometidas com boas práticas de governança, tiveram um aumento médio de 20% no valor de suas ações. Além disso, o número de empresas brasileiras que adotam práticas ESG também cresceu substancialmente, passando de 35% em 2019 para 60% em 2023. Para ilustrar essa importância, o gráfico a seguir demonstra a relação entre boas práticas de governança e a valorização das ações de empresas brasileiras que aderiram aos princípios ESG entre 2019 e 2023.

Gráfico 3 - Impacto das Boas Práticas de Governança Corporativa no Desempenho das Ações (2019-2023).



Fonte: MARTINI e SCHREIBER (2024)

A partir desses dados, percebe-se que a governança corporativa no ESG vai além do cumprimento regulatório, sendo uma ferramenta estratégica que permite às empresas gerenciar seus riscos, maximizar seu valor e promover práticas mais justas e sustentáveis. Para Barbosa (2020), empresas que integram a governança ao ESG não só melhoram seu desempenho financeiro, como também se tornam mais resistentes frente a crises e exigências sociais (BARBOSA, 2020, p. 18).

### 3.2 Desafios e Oportunidades para a Implementação do ESG no Brasil

A implementação do ESG no Brasil tem se consolidado como um dos principais vetores de transformação para as empresas. Com foco em promover o desenvolvimento econômico sustentável e o alinhamento às demandas sociais e ambientais, o ESG apresenta tanto desafios quanto oportunidades significativas.

Um dos maiores desafios identificados para as empresas brasileiras é a falta de uma estrutura regulatória clara e padronizada. Conforme Santos (2023), a inexistência de diretrizes universais de ESG adaptadas à realidade brasileira dificulta a incorporação eficaz dessas práticas no ambiente empresarial (SANTOS, 2023, p. 35). Muitas empresas enfrentam barreiras em medir e relatar seus impactos ambientais e sociais, o que compromete a transparência e a confiabilidade de suas iniciativas ESG (McKinsey, 2021). Além disso, a governança corporativa,

sendo um dos pilares essenciais, enfrenta desafios na implementação de práticas que combinem rentabilidade com sustentabilidade.

Outro fator limitante para a adoção do ESG no Brasil é o custo inicial de adaptação às práticas sustentáveis. Freire (2021), aponta que a transição para energias renováveis e a reestruturação dos processos internos para atender às exigências ambientais representam um investimento elevado, o que desestimula pequenas e médias empresas (FREIRE, 2021, p. 20). Isso é particularmente evidente no setor industrial, onde o capital necessário para realizar uma transição sustentável pode ser uma barreira significativa para a implementação do ESG.

Por outro lado, as oportunidades geradas pela adoção do ESG são promissoras. Segundo Cruz (2022), empresas que adotam práticas sustentáveis, como a economia circular e a redução de emissões, observam benefícios a longo prazo, como maior resiliência frente a crises econômicas e ambientais, além de uma melhor relação com investidores (CRUZ, 2022, p. 110). O mercado de investimentos responsável tem crescido significativamente, e os fundos focados em ESG apresentam rentabilidade competitiva em comparação aos fundos tradicionais (Simbiose Social, 2023, p. 27). Para empresas brasileiras, isso significa uma oportunidade de atrair investimentos estrangeiros e se posicionar de forma competitiva no mercado global.

Além disso, a crescente demanda dos consumidores por produtos e serviços éticos e sustentáveis impulsiona a adoção do ESG. De acordo com um estudo da Deloitte (2023), 76% dos consumidores brasileiros preferem adquirir produtos de empresas que demonstrem um compromisso com a sustentabilidade e práticas sociais responsáveis (DELOITTE, 2023, p. 5). Isso reflete uma mudança no comportamento do consumidor, que agora exige maior responsabilidade social e ambiental das marcas.

Outro desafio identificado é a falta de engajamento dos fornecedores nas cadeias de suprimento com as metas ESG. Segundo Ribeiro (2019), "o sucesso da implementação do ESG depende da capacidade das empresas de alinhar seus fornecedores às mesmas práticas, o que muitas vezes não acontece por falta de incentivo ou suporte técnico" (RIBEIRO, 2019, p. 42). Este é um ponto crucial, visto que a responsabilidade social e ambiental das empresas não pode ser limitada às suas operações internas, mas deve se estender por toda a cadeia de valor.

Em termos de oportunidades, o Brasil possui um potencial significativo para liderar práticas ESG no setor agropecuário e de energia renovável. O país é uma potência em termos de biodiversidade e recursos naturais, o que traz vantagens competitivas para desenvolver práticas sustentáveis. Como afirma Silva (2022), o Brasil tem uma posição única para se tornar um líder global em ESG, especialmente no que se refere à produção agrícola sustentável e à geração de

energia limpa (SILVA, 2022, p. 48). Isso reforça que, apesar dos desafios, as empresas brasileiras têm grandes oportunidades para integrar o ESG em seus modelos de negócios.

A implementação de práticas ESG também exige que as empresas desenvolvam métricas mais robustas para medir e reportar seus avanços. Conforme Clément, Robinot e Trespeuch (2022), a padronização das métricas ESG é um passo essencial para que os resultados sejam comparáveis e transparentes, permitindo que investidores e consumidores avaliem o real impacto das práticas corporativas. No Brasil, a falta de indicadores consistentes muitas vezes cria lacunas na confiabilidade das informações divulgadas, minando a credibilidade das empresas. Esse cenário evidencia a necessidade de maior alinhamento com padrões globais, como os da *Global Reporting Initiative* (GRI), em sua tradução (Iniciativa global de relatórios), e do *Sustainability Accounting Standards Board* (SASB), em sua tradução (Conselho de padrões de contabilidade e sustentabilidade), que auxiliam na criação de relatórios ESG claros e precisos.

Outro aspecto importante é a transformação cultural necessária dentro das organizações para garantir o sucesso da implementação do ESG. De acordo com Chopra et al. (2024), a adoção efetiva do ESG não pode ser limitada às políticas corporativas; ela precisa ser incorporada à cultura organizacional e às práticas diárias de todos os colaboradores. No Brasil, isso requer um esforço contínuo de sensibilização e capacitação em todos os níveis hierárquicos, desde os conselhos administrativos até os trabalhadores operacionais. Empresas que investem na formação de lideranças conscientes e no engajamento de suas equipes têm maiores chances de integrar o ESG de forma eficaz e duradoura.

O fortalecimento das parcerias público-privadas emerge como uma oportunidade estratégica para impulsionar a implementação do ESG no Brasil. Governos, empresas e organizações da sociedade civil podem trabalhar juntos para criar incentivos econômicos e regulatórios que acelerem a transição para práticas sustentáveis. Conforme Savio, D'Andrassi e Ventimiglia (2023), as parcerias público-privadas são fundamentais para superar barreiras financeiras e estruturais, podendo assim ter uma viabilidade de projetos de grande impacto socioambiental. No Brasil, iniciativas desse tipo já demonstraram resultados positivos no setor energético e em projetos de infraestrutura verde, indicando que a colaboração entre os setores pode ser uma chave para expandir as práticas ESG no país.

### 3 Considerações finais

A implementação do ESG nas empresas brasileiras demonstra que o caminho para a sustentabilidade não é linear, mas carrega um potencial transformador profundo. Este artigo buscou explorar como a adoção dessas práticas pode não apenas transformar o modelo de governança corporativa, mas também alinhar o desenvolvimento econômico às demandas sociais e ambientais do país. Nesse contexto, os resultados apresentados ao longo do texto evidenciam que o ESG é mais do que um conjunto de práticas; é uma nova forma de pensar e agir no mundo corporativo.

Os desafios enfrentados, como a falta de regulamentação padronizada e os altos custos iniciais, são reais e podem desencorajar empresas menores a abraçar o ESG. No entanto, os dados e análises reforçam que os benefícios superam os obstáculos. Empresas que integram a sustentabilidade às suas estratégias têm se mostrado mais resilientes, inovadoras e atraentes para investidores e consumidores. Além disso, ao adotar o ESG, essas organizações contribuem diretamente para a redução de desigualdades sociais, a preservação ambiental e o fortalecimento da governança ética.

O Brasil, com sua biodiversidade única e potencial de liderar práticas sustentáveis em setores estratégicos como o agropecuário e de energia renovável, encontra-se em uma posição privilegiada. Aproveitar essas vantagens competitivas depende de um esforço coletivo entre governos, empresas e sociedade civil. É essencial que políticas públicas incentivem e regulamentem o ESG, que as empresas invistam em cultura organizacional e que os consumidores mantenham sua pressão por práticas responsáveis.

Ao longo do texto, observou-se que empresas que adotam o ESG não apenas fortalecem sua reputação, mas também colhem benefícios financeiros e conquistam maior credibilidade. A integração das dimensões ambiental, social e de governança às operações diárias possibilita às organizações não apenas sobreviver em um mercado competitivo, mas prosperar. Essa transformação vai além de uma simples tendência; ela redefine o papel das empresas em um mundo que exige responsabilidade e consciência.

Por fim, o ESG simboliza uma oportunidade única para as empresas brasileiras moldarem um futuro sustentável, ético e inovador. Aquelas que entenderem essa transformação como um compromisso com a sociedade e o planeta, e não apenas como uma obrigação, estarão preparadas para enfrentar os desafios globais e liderar uma nova era no mundo corporativo.

## Referências

AMCHAM; HUMANIZADAS. **Tendências ESG em 2024**. Março, 2024.

BARBOSA, Patrícia. **Diversidade e inclusão nas corporações brasileiras: desafios e oportunidades**. São Paulo: Revista ESG, 2020.

B3 - BRASIL, BOLSA, BALCÃO. **Relatório Anual de Sustentabilidade**. São Paulo: B3, 2022. Disponível em: [www.b3.com.br](http://www.b3.com.br). Acesso em: 03 out. 2024.

B3 - BRASIL, BOLSA, BALCÃO. **Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE)**. São Paulo: B3, 2021. Disponível em: [www.b3.com.br](http://www.b3.com.br). Acesso em: 03 out. 2024.

CHONG, T.; LOH, L. *Innovating ESG Integration as Sustainable Strategy: ESG Transparency and Firm Valuation in the Palm Oil Sector*. **Sustainability**, v. 15, n. 22, p. 15943, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su152215943>. Acesso em: 03 out. 2024.

CHOPRA, S. S.; SENADEHEERA, S. S.; DISSANAYAKE, P. D.; WITHANA, P. A.; CHIB, R.; RHEE, J. H.; OK, Y. S. *Navigating the Challenges of Environmental, Social, and Governance (ESG) Reporting: The Path to Broader Sustainable Development*. **Sustainability**, v. 16, n. 2, p. 606, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su16020606>. Acesso em: 03 out. 2024.

CLÉMENT, A.; ROBINOT, É.; TRESPEUCH, L. *Improving ESG Scores with Sustainability Concepts*. **Sustainability**, v. 14, p. 13154, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su142013154>. Acesso em: 03 out. 2024.

CRUZ, Augusto. **Introdução ao ESG: meio ambiente, social e governança corporativa**. 1. ed. São Paulo: Scortecci, 2022.

CRUZ, C. A.; MATOS, F. *ESG Maturity: A Software Framework for the Challenges of ESG Data in Investment*. **Sustainability**, v. 15, n. 3, p. 2610, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su15032610>. Acesso em: 03 out. 2024.

DELOITTE. **Estudo sobre Governança Corporativa e Diversidade em Conselhos**. 2023.

FREIRE, Rochana Grossi. **O que significa Social em ESG? Como mapear o impacto social para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e incluí-los nos relatórios ESG**. Guia S RP ESG de Verdade, 2021.

MANCINI, Marisa Cotta; SAMPAIO, Rosana Ferreira. Quando o objeto do estudo é a literatura: estudos de revisão. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, 10 (4) Dez 2006.

MCKINSEY & COMPANY. *The ESG premium: New perspectives on value and performance*. 2021.

**MONTAIGNE, M. Os ensaios**. Livro 1. São Paulo: Martins Fontes.

RIBEIRO, José Carlos. **Responsabilidade social e ESG: Direitos Humanos e Governança Corporativa**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

OLIVEIRA, Carlos. **Transparência e Governança Corporativa: Um olhar sobre o Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

SANTOS, José Ozildo dos (Org.). **Sustentabilidade Ambiental: Em Debate**. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2023.

SAVIO, R.; D'ANDRASSI, E.; VENTIMIGLIA, F. A Systematic Literature Review on ESG during the COVID-19 Pandemic. **Sustainability**, v. 15, n. 3, p. 2020, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su15032020>. Acesso em: 03 out. 2024.

SIMBIOSE SOCIAL. **Desafios para democratizar a transformação por meio do investimento social**. São Paulo: Simbiose, 2023.

SILVA, Carlos Eduardo. **Responsabilidade social e ESG**. Rio de Janeiro: FGV, 2022.

SILVA, Maria Eduarda. **Governança corporativa e ESG no Brasil: tendências e desafios**. 1. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2022.

SILVEIRA, José Henrique Porto. **Sustentabilidade e Responsabilidade Social**. 1. ed. Belo Horizonte: Poisson, 2017.

SUN, W.; KOU, M.; ZHANG, X.; CUI, Y.; CHEN, S. How Does a Major Corporate Customer's ESG Performance Drive the Supplier's Green Innovation? *Sustainability*, v. 16, n. 17, p. 7770, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su16177770>. Acesso em: 03 out. 2024.